

Porcelana de encomenda

定制瓷

Os portugueses foram os primeiros ocidentais a encomendar porcelana à China. As porcelanas de encomenda não só testemunham momentos espantosos, interações comerciais, desenvolvimentos técnicos e flutuações sociais entre a China e Portugal, mas também permitem conhecer melhor a relação intercultural, isto é, o modo como estes dois países confluíram e conviveram, se complementaram e se confrontaram.

A China e Portugal ocupam os extremos continentais da Euro-Ásia, mas possuem das mais antigas, contínuas e regulares relações entre europeus e asiáticos orientais. A partir do século XVI, mais especificamente com a chegada do explorador Jorge Álvares à ilha de Tamão (agora ilha de Lin Tin), em 1513, deu-se o primeiro encontro entre Portugal e a China. Posteriormente, em 1516, Portugal estabeleceu oficialmente uma relação diplomática e comercial com a China com o envio do primeiro agente português, Tomé Pires, ao imperador chinês Zhengde. Ainda que as intenções iniciais dos portugueses, ao chegarem à China, não fossem de todo pacíficas (os portugueses quiseram dominar a China, após a conquista de Malaca, em 1511), é incontestável que este primeiro encontro abriu expectativas sobre um mundo novo e estimulou o processo de globalização. Desde então, Portugal, como mensageiro da Ásia na Europa e da Europa na Ásia, ligou dois países, duas culturas e dois mundos diferentes.

Neste processo de intercâmbio, os portugueses trouxeram a “cultura chinesa”, que, ao ganhar uma forte presença em Portugal, mudou a cultura material portuguesa e estimulou a criatividade artística dos portugueses. Entre os produtos comercializados, a porcelana de encomenda apresenta-se provavelmente como um dos “frutos” mais significativos neste processo de interações materiais e imateriais. De facto, os portugueses foram os primeiros europeus a ter contacto com os chineses na área da porcelana e a encomendar porcelana à China.

As primeiras porcelanas de encomenda foram adquiridas por navegadores, mercadores e missionários portugueses, através dos contactos estabelecidos com mercadores malaios e cantoneses, depois da conquista de Malaca. As aquisições teriam continuidade com o estabelecimento do entreposto português de Macau, em 1557, terminando com o início da produção da chamada *Kraak*, cujo nome

Guo Mo
Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau

provém das embarcações portuguesas carregadas de porcelana (Afonso, p.189, 2014).

Da encomenda ao transporte, passando pela produção e pela distribuição, a porcelana de encomenda foi inserida num sistema completo. Em Portugal, uma vez que a coroa tinha interesse no comércio direto com a China, não havia companhias ou sociedades particulares. Entretanto, outros países da Europa criaram as suas próprias companhias –

“... os portugueses foram os primeiros europeus a ter contacto com os chineses na área da porcelana e a encomendar porcelana à China.”

Companhia das Índias – para transporte marítimo (Holanda – VOC¹, de 1602 a 1795; Inglaterra – EIC², de 1600 a 1852; França, ativa de 1664 a 1749; Suécia, de 1731 a 1813; Dinamarca, Áustria, Espanha, Grécia e, mais tarde, os Estados Unidos da América). Os encomendantes enviavam uma nótula acerca da configuração, da cor, da quantidade e do preço das peças e o desenho que pretendiam ver reproduzido (em geral o brasão de armas da família). Quando os barcos chegavam aos portos de Cantão, os intermediários chineses transferiam a encomenda para *Jingdezhen*³. Os artesãos chineses produziam as peças de acordo com as instruções vindas da Europa e as explicações dadas pelos intermediários chineses. Após a manufatura, as peças eram enviadas para Cantão e daqui seguiam para a Europa. Um eram entregues aos encomendantes e outras eram leiloadas.

Até este processo estar completo decorriam cerca de três anos. No entanto, o negócio gerava lucros substanciais.

Devido à estranheza sentida em relação à configuração e aos temas ocidentais, por vezes, os artesãos chineses aumentavam o preço, de acordo com o nível de dificuldade da manufatura. Por isso, era habitual que o preço da porcelana de encomenda fosse mais alto do que as peças para venda no mercado interno.

Para aumentar a precisão do *design* da peça de encomenda, em alguns casos, os ocidentais também enviavam

modelos em madeira ou em barro, em vez de uma instrução pormenorizada. Todavia, dada a diferença cultural entre o Ocidente e o Oriente, os artesãos chineses tinham dificuldade em copiar os motivos e as letras e em produzir as configurações, gerando modificações e alterações nos motivos originais. As peças de encomenda que não correspondessem fielmente ao pedido dos ocidentais não perdiam valor. Pelo contrário, ganhavam não apenas valor comercial, mas também valor estético, histórico, cultural e social e ainda se tornavam um fenómeno cultural peculiar. ■



Fig. 1 – Gomil, porcelana chinesa, período Zhengde (1506-1521), c.1520. Fotografia retirada do livro de Corbeiller, C. L. & Frelinghuysen, A. C., 2003, p. 6.

O exemplo 1, que se reconhece por adotar o formato de objeto islâmico, mostra no centro do bojo as armas reais de D. João III de Portugal em posição invertida. Esta modificação, provocada pela má cópia, mostra que os artesãos chineses não tinham uma compreensão cultural suficiente para copiar bem o motivo português.



Fig. 2 – Escudela, porcelana chinesa, 1541. Fotografia de Museu Rainha Dona Leonor, em Beja.

O exemplo 2, com a inscrição «EM TEMPO DE RERO [PÊRO] DE FARIA DE 1541», feito no tempo de Pedro de Faria que foi um administrador colonial português (1528-29 e 1537-43) e comandante militar em Malaca, apresenta no interior uma personagem religiosa sentada em meditação. A grafia demonstra a dificuldade dos artesãos chineses em copiar as letras do alfabeto latino.

Fig. 3 – Garrafa, porcelana chinesa, do período Jiajing (1522-1566), datada de 1552. Fotografia do Museu do Centro Científico e Cultural de Macau.

O exemplo 3 tem o bojo piriforme, gargalo alto, truncado. O registo central, que ocupa praticamente todo o bojo, mostra um *qilin*, andando numa paisagem, limitado por sebe, com pequenos bambus brotando de rochedos, um pinheiro com tronco contorcido e um conjunto de bambus, que balizam o território de cada animal. Na banda do gargalo existe uma inscrição em duas linhas “ISTO MANDOU FAZER JORGE ALVRZ NA// A ERA DE 1552 REINA”, mas a frase está invertida e apresenta uma má caligrafia pela mão do artesão chinês.



¹ A Companhia Holandesa das Índias Orientais. Em holandês: Vereenigde Oost-Indische Compagnie.

² A Companhia Britânica das Índias Orientais. Em inglês: Company of Merchants of London Trading to the East Indies.

³ É considerada a cidade da porcelana na China. Em chinês: 景德镇.

Referências bibliográficas

- Afonso, L.U. (2014). As porcelanas <<primeiras encomendas>> da Coleção Medeiros e Almeida. *Artis. Revista de História da Arte e Ciências do Património*, 2, 186-193.
- Corbeiller, C. L. & Frelinghuysen, A. C. (2003). Chinese Export Porcelain. *The Metropolitan Museum of Art Bulletin*, 60(3).
- Matos, M. A. P. (1993). Porcelana de Encomenda: História de um intercâmbio cultural entre Portugal e a China. *Oceanos: Porcelanas e Mares da China*, 14, 40-56.